

**CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU
20 de Maio de 2024**

BAFATÁ FILME CLUBE / 2012

Um filme de Silas Tiny

Realização: Silas Tiny / Direcção de Fotografia: Marta Pessoa / Som: Paulo Abelho / Montagem: Márcia Costa.

Produção: Real Ficção / Produtores: Rui Simões e Carlos Vaz / Cópia em vídeo betacam, colorida, legendado em português / Duração: 77 minutos / Inédito comercialmente.

Com a presença de Silas Tiny.

Bafatá é uma cidade guineense que já foi próspera ao ponto de rivalizar, em importância económica, com a capital Bissau. Hoje, sensivelmente 50 anos depois da independência (40, na altura em que Silas Tiny lá foi fazer este filme), ainda conserva uma quantidade de habitantes suficiente para ser a terceira cidade mais populosa da Guiné Bissau, mas a impressão de decadência, de desagregação, de ruína ou de cidade-fantasma, é a imagem mais forte fixada por **Bafatá Filme Clube**.

Primeira longa-metragem de um cineasta que tinha cerca de 30 anos quando o fez e estava ainda a frequentar a escola de cinema, **Bafatá Filme Clube** é um filme sob um intenso sentimento de perda. A imagem mais forte dessa perda, a imagem-símbolo, é a da antiga sala de cinema, e respectiva cabine de projecção, onde antes funcionara um cine-clube muito frequentado. Mais do que nostalgia cinéfila, ou saudosismo de um passado glorioso do cinema como espectáculo (realmente) popular, as instalações desse “fantasma filme clube” exprimem uma desagregação mais vasta, mais transversal: o seu abandono é tomado como símbolo de uma erosão comunitária, e esta erosão é que é o documento central trabalhado pelo filme de Silas Tiny, de resto um filme muito atento a outras formas (e a outros clubes, como os desportivos) de associativismo comunitário, de cimento que solidifica a sensação de pertença a uma comunidade. Através da sorte do cineclube, mas também do Sporting Clube de Bafatá, um clube que já foi campeão de futebol da Guiné Bissau, Silas Tiny põe o passado e o presente em diálogo, faz ecoar a história de algo maior e mais vasto: um país. **Bafatá Filme Clube** funciona segundo este correctíssimo princípio: o da observação de um objecto delimitado, “em ponto pequeno”, para a pouco e pouco encontrar e revelar o que esse objecto contém de pertinente para um retrato “em ponto maior”. Por outras palavras: vai do particular ao geral.

Nas ruas desoladas de Bafatá, que Silas Tiny filma quase sempre vazias, nas paredes degradadas dos edifícios, estão como que impressos (ou projectados, para mantermos

fidelidade à metáfora lançada pelo cineclube) os espectros de um passado um pouco mais animado, um pouco mais vivo. Mas alguns desses “espectros” estão vivos, são por exemplo os velhos habitantes, os velhos comerciantes, muitos deles de origem portuguesa, que o filme regista e ouve, e que estão ali numa perfeita e fatalista consciência da sua extinção anunciada – sem maniqueísmo algum, é também a ruína do colonialismo português, que morre de morte natural por assim dizer, que **Bafatá Filme Clube** regista. E talvez seja mesmo esse o maior e mais conformado de todos os espectros que habitam o filme de Silas Tiny.

Luís Miguel Oliveira